Para a Jen. Às vezes, pergunto-me o que faria sem ti e fico muito assustada.

P. S.: Chocolate branco é, efetivamente, bom.

P. P. S.: Quando leres isto, dá um dos biscoitos da tia Ali à Stella.

NOTA DA AUTORA

Caro leitor,

Queria deixar uma nota breve para informar que *Não é Amor* é, tendo em conta a história, ligeiramente diferente dos trabalhos que publiquei no passado. Rue e Eli lidaram — e continuam a lidar — com as consequências de traumas provenientes do luto, da insegurança alimentar e da negligência infantil. Sentem-se ansiosos por estabelecer uma ligação, mas não sabem bem como o fazer, exceto através de uma relação física. O resultado é, na minha opinião, menos uma comédia romântica e mais um romance erótico.

A história de Rue e Eli tem, claro, um «felizes para sempre»! Contudo, também contém alguns temas sérios e queria incluir um aviso para que saibam o que devem esperar.

Com amor,
Ali

1

MUITO SIMPLES

RUE

— Meninas, tenho de vos fazer uma pergunta genuína e nada retórica: Como é que vocês as duas conseguem sobreviver no mundo real?

Olhei para a expressão desdenhosa da Nyota, refletindo sobre a humilhação que é ter a irmã mais nova da minha melhor amiga (que viu, repetidamente, rejeitada a sua entrada na casa da árvore no quintal, que se alimentou publicamente de macacos do nariz no Natal de 2009 e que foi apanhada aos beijos com uma clementina no armário dos lençóis alguns meses depois disso) a questionar a minha capacidade de exercer uma existência produtiva.

Por outro lado, na altura, eu e a Tisha éramos três anos mais velhas do que ela e tínhamos um complexo de superioridade evidentemente descabido. Agora, sabemos que a Nyota já tem vinte e quatro anos, foi um prodígio na faculdade de Direito e é uma advogada de insolvência recém-formada, cujas horas de trabalho valem mais do que o meu seguro de automóvel dramaticamente elevado. Para aumentar as injúrias, segui-a no Instagram e foi assim que soube que ela consegue levantar mais do que o seu próprio peso, que fica incrível com um fato de banho e que, regularmente, prepara *focaccia* com cebola e alecrim do zero.

Numa atitude cheia de poder, que me manteve acordada a noite inteira, a Nyota nunca me seguiu de volta.

— Já sabes como somos — disse, preferindo a honestidade ao orgulho. Eu e a Tisha estávamos escondidas no meu escritório do

tamanho de um armário, na Kline, em videochamada com alguém que, muito provavelmente, não tem os nossos números de telemóvel guardados. A dignidade era a menor das nossas preocupações. — Mal nos conseguimos aguentar.

— Podes responder à pergunta? — A Tisha irritou-se. Por mais humilhante que a situação fosse para mim, devia ser muito pior para ela. Afinal de contas, a Nyota é a *sua* irmã.

— A sério? Ligaste-me a meio do meu trabalho para perguntar o que é uma *cessão de créditos*? Não podias ter pesquisado no Google?

— Nós pesquisamos — disse, omitindo o facto de termos acrescentado *para burros* à nossa pesquisa. E, mesmo assim… — Acho que percebemos em parte.

— Ótimo, então está resolvido. Vou desligar, vemo-nos no Dia de Ação de Graças…

— No entanto — interrompi. Estávamos no final de maio. — As reações dos outros funcionários da Kline parecem sugerir que talvez não estejamos a compreender por completo as implicações desta *cessão de crédito*. — O meu limiar de desconfiança era elevado e tinha conseguido não me incomodar com o representante dos RH que navegava no monster.com, os químicos que tinham esbarrado contra mim e fugido sem dizer nada, o olhar vago do meu chefe habitualmente ditatorial, o Matt, quando o informei de que o relatório que ele esperava iria demorar pelo menos mais três horas até ser concluído. Depois, enquanto esvaziava a garrafa de água no vaso de uma planta que vivia na copa há mais tempo do que eu cá trabalhava, um técnico desatou a chorar e sugeriu que eu devia «*levar o* Christofern *para casa, Dra. Siebert. Não é justo que morra só por causa do que está prestes a acontecer à Kline.*»

Não fazia ideia do que se estava a passar. Tudo o que sabia era que adorava o meu emprego na Kline, que o projeto mais importante da minha vida estava num ponto fulcral e que tinha demasiadas dificuldades sociais para transitar sem dificuldades para outro local de trabalho. O dia de hoje não era um bom presságio.

— Vamos ter uma reunião daqui a quinze minutos — expliquei — e gostávamos de entrar com uma ideia mais fomentada do que…

— Ny, para de reclamar e conta-nos como se tivéssemos cinco anos — ordenou a Tisha.

— Vocês são *cientistas* — enfatizou a Nyota, *não* como um elogio.

— Muito bem, Ny, ouve com atenção porque não estás preparada para o que te vamos contar e talvez tenhamos de o denunciar à ONU e assistir a um julgamento no Tribunal de Haia: o conceito de capitais privados e atribuições de empréstimos *não* surgiu em *nenhuma* das nossas aulas de doutoramento em engenharia química. É um lapso *chocante*, eu sei, e tenho a certeza de que a NATO vai querer tomar medidas militares…

— Cala-te, Tish. Não podes ser sarcástica quando és *tu* que precisas de alguma coisa da *minha* parte. Rue, como é que descobriste acerca do empréstimo?

— A Florence enviou um *e-mail* para a empresa inteira — informei. — Esta manhã.

— A Florence é a diretora-geral da Kline?

— Sim. — Pareceu-me demasiado redutor, por isso, acrescentei: — E a fundadora. — Continuava sem ser o suficiente, mas não era a altura certa para expressar a minha idolatria.

— Dizia alguma coisa em relação ao capital privado que comprou o empréstimo?

Olhei para o *e-mail*.

— O Grupo Harkness.

— Hum. O nome não me é estranho. — A Nyota digitou em silêncio, com o horizonte de Nova Iorque a brilhar atrás dela. O seu escritório ficava num arranha-céus, quase como num outro Universo a muitos quilómetros do norte de Austin. Tal como eu e a Tisha, ela quis muito sair do Texas. Ao contrário de nós, nunca regressou. — Ah, sim. São *estes* gajos — disse ela, por fim, semicerrando os olhos para o ecrã do computador.

— Sabes quem são? — perguntou a Tisha. — São famosos?

— É uma empresa de capital privado, não uma banda de *K-pop*. Mas *são* muito conhecidos dentro do meio tecnológico. — Ela mordeu o lábio. De repente, a sua expressão era o oposto de tranquilizadora e senti a Tisha ficar tensa ao meu lado.

— Não é a primeira vez que uma coisa destas acontece — disse, recusando-me a entrar em pânico. Tinha-me licenciado na UT Austin há um ano, mas estava a trabalhar para a Florence Kline desde antes de terminar o doutoramento. Nada disto parecia muito novo. — Há sempre mudanças na administração e problemas com os investidores. São sempre resolvidos.

— Desta vez, não tenho tanta certeza disso, Rue. — A Nyota franziu as sobrancelhas numa carranca. — Ouve, a Harkness é uma empresa de capital privado.

— Ainda não sei o que isso quer dizer — irritou-se a Tisha.

— Como *ia* explicar, os capitais privados são… grupos de pessoas com muito, muito dinheiro e tempo livre. Que, em vez de se banharem no dinheiro árduo como o Tio Patinhas, ou de o deixarem em contas poupança como vocês as duas…

— É muito ousado da tua parte presumires que tenho poupanças — murmurou a Tisha.

— … eles usam-no para comprar outras empresas.

— E compraram a Kline? — perguntei.

— Não. A Kline não se tornou pública… não é possível comprar as suas ações. Contudo, quando foi fundada, precisava de dinheiro para desenvolver… *ravioli*? É isso que vocês fazem?

— Nanotecnologia alimentar.

— Exato. Vamos fingir que isso tem algum significado. De qualquer forma, quando a Florence fundou a Kline, conseguiu um empréstimo avantajado. Contudo, agora, quem lhe deu o dinheiro decidiu vender esse empréstimo à Harkness.

— O que significa que, agora, a Kline deve o dinheiro à Harkness?

— Correto. Vês, Rue, eu sabia que não eras *completamente* inútil. A minha irmã, por outro lado, nunca para de… — A voz da Nyota desvaneceu-se, enquanto ela olhava para o computador.

— Que foi? — perguntou a Tisha, alarmada. A Nyota não era o tipo de pessoa que parava a meio de um insulto. — Que aconteceu?

— Nada. Estou só a ler acerca da Harkness. É muito respeitada. Especializa-se em *startups* tecnológicas de média dimensão. Acho que têm alguns cientistas lá dentro a trabalhar. Adquirem empresas

promissoras, fornecem capital e apoio para as fazer crescer e vendem-nas com lucros. Comprar um empréstimo parece-me um pouco fora do seu M.O.

A Tisha cerrou os dedos à volta da minha coxa e cobri-lhe a mão com a minha. Muito raramente recorro a algum conforto físico, porém, abrir exceções para a Tisha não era um problema.

— Então, tudo o que a Florence precisa de fazer é pagar o empréstimo à Harkness e, depois, a Harkness desaparece? — perguntei. Parecia-me muito simples. Não era preciso envolvermos o monster.com.

— Hã… No país das maravilhas em que vives, talvez. Diverte-te a brincar com os unicórnios, Rue. É *impossível* que a Florence tenha o dinheiro necessário.

A Tisha afilou ainda mais o seu aperto.

— Ny, na prática, isso significa o quê? Que vão assumir o controlo da empresa?

— Talvez. Vai depender do contrato de empréstimo.

Abanei a cabeça.

— A Florence nunca os iria deixar.

— A Florence pode não ter escolha. — De repente, a voz da Nyota suavizou-se e, no meio de tudo, foi *isso* que induziu o medo em mim. — Dependendo dos termos do acordo, a Harkness pode ter o direito de acomodar um CTO novo e interferir seriamente nas operações quotidianas.

Perguntar o que era um «CTO» não me iria ajudar a conseguir uma nova seguidora no Instagram, por isso limitei-me a dizer:

— Está bem. Qual é a conclusão?

— A Harkness pode acabar por não ser um problema. Ou, então, pode ser a razão pela qual vocês as duas precisam de arranjar empregos novos. Neste momento, não temos como saber.

O «merda» da Tisha foi como um murmúrio baixo. *A Florence*, pensei, e a minha boca ficou seca. *Onde está a Florence, neste instante?* Como *está a Florence?*

— Obrigada, Nyota — disse. — Foste muito útil.

— Liga-me depois da reunião… por essa altura, teremos mais informações. — Foi simpático da parte dela, aquele *(nós) teremos*. — Porém,

não fazia mal começarem a melhorar o vosso CV, por via das dúvidas. Austin é um lugar ótimo para *startups* de tecnologia. Procurem na Internet, perguntem aos vossos amigos cromos se sabem de alguma coisa. Vocês têm amigos, além uma da outra?

— Eu tenho o *Bruce*.

— O *Bruce* é um *gato*, Tish.

— Que queres dizer com isso?

Começaram a discutir e não lhes dei atenção, tentando calcular a probabilidade de eu e a Tisha encontrarmos outro trabalho dentro da mesma empresa. Um que pagasse bem e nos desse a liberdade científica que tínhamos na altura. A Florence até me tinha permitido…

Um pensamento horrível apunhalou-me.

— E os nossos projetos pessoais? As patentes dos funcionários?

— Hum? — A Nyota inclinou a cabeça. — Patentes de funcionários? Do quê?

— No meu caso, um bio-nanocompósito que…

— Ei, simplifica.

— É algo que faz os produtos manterem-se mais frescos. Por mais tempo.

— Ah. Estou a ver. — Ela acenou com a cabeça em sinal de compreensão, os seus olhos ficaram, de repente, mais calorosos e perguntei-me o que será que ela sabia. A Tisha nunca iria contar a minha história, mas a Nyota era observadora e podia muito bem ter compreendido sozinha. Afinal, durante anos, passei todas as horas vagas em casa delas, só para evitar regressar à minha.

— É o *teu* projeto? A *tua* patente? E tens um acordo que *te* garante a propriedade dessa tecnologia?

— Sim. Mas se a Kline mudar de direção…

— Desde que o acordo esteja escrito, não há problema.

Lembrei-me de um *e-mail* da Florence. Palavras longas, letras pequenas, assinaturas eletrónicas. Senti-me aliviada. *Obrigada, Florence.*

— Malta, tentem ficar calmas, está bem? Vão para a reunião para a qual, muito provavelmente, já estão atrasadas. Descubram tudo o que puderem e informem-me. E, por amor da juíza Brown Jackson, atualizem o raio dos vossos currículos. Não cuidas de animais desde a universidade, Tish.

— Sai do meu LinkedIn — murmurou a Tisha, mas estava a discutir com um ecrã já em branco. Por isso, recostou-se na cadeira e conformou-se com outro «merda».

Olhei para a frente e acenei com a cabeça.

— De facto.

— Nenhuma de nós tem a constituição emocional necessária para instabilidade laboral.

— Não.

— Nós vamos ficar bem. Trabalhamos com tecnologia. É só que…

Acenei mais uma vez com a cabeça. Éramos felizes na Kline. Juntas. Com a Florence.

A Florence.

— Ontem à noite, a Florence mandou-me uma mensagem — contei à Tisha. — Perguntou-me se queria ir a casa dela.

Ela virou-se.

— Ela explicou porquê?

Abanei a cabeça, sentindo-me ligeiramente envergonhada e culpada. *Que bela maneira de apoiares as tuas amigas, Rue.*

— Eu disse-lhe que tinha outros planos.

— O que estavas… ah, pois é. O teu encontro sexual trimestral. A Rue depois do anoitecer. Meu Deus, como é possível ainda não termos falado sobre *o gajo*.

— Que gajo?

— A sério? Mandas-me uma fotografia da carta de condução de um homem qualquer e depois perguntas *que gajo*? Boa tentativa.

— Foi uma tentativa corajosa. — Levantei-me, tentando evitar lembrar-me daqueles olhos azuis profundos. Daquele perfil de uma urna grega para o qual ele me forçou a olhar. Os caracóis castanhos curtos, quase demasiado despenteados. Ele manteve os olhos na estrada enquanto me levava a casa, como se estivesse determinado a não olhar na minha direção.

— Tiveste notícias dele? Presumindo que fizeste o impensável e… — ela ofegou, agarrando o esterno — que lhe deste o teu *número*.

— Ainda não olhei para o meu telemóvel. — Neste momento, vive no fundo da minha mochila, debaixo de uma camisola extra, da minha

garrafa de água e de uma pilha de livros que devia devolver à biblioteca dentro de dois dias. Ia lá continuar, pelo menos até eu parar de me perguntar a cada dez minutos se ele tinha mandado alguma mensagem.

Gostava de manter um certo distanciamento *dele*.

— Devia ter ido a casa da Florence — afirmei, sentindo remorsos no fundo do estômago.

— Não. Se tivesse de escolher entre ires para a cama com alguém e seres alertada desta confusão, provavelmente escolhia teres orgasmos. Sou uma alma muito generosa. — A Tisha baixou o tom de voz enquanto caminhávamos lado a lado, percorrendo os corredores azul-marinho e ultramodernos da Kline, repletos de funcionários a dirigirem-se para o espaço aberto no primeiro andar. Todos sorriam para a Tisha, e acenavam-*me* com a cabeça, educados, mas muito mais sombrios.

A Kline tinha começado como uma empresa de tecnologia pequena, que rapidamente se expandiu para várias centenas de funcionários e eu deixei de acompanhar cada contratação nova. Além disso, a natureza solitária do meu projeto tornava-me ligeiramente desconhecida. Era a rapariga alta, séria e distante, que andava sempre com a *outra* rapariga alta, divertida e encantadora que todos adoravam. Na Kline, os níveis de popularidade da Tisha e os meus eram tão desfasados como tinham sido desde a escola primária. Felizmente, aprendi a não me importar.

— Infelizmente — murmuro —, não tive nenhum orgasmo.

— *O quê?* Ele *não* tinha ar de ser mau no sexo!

— Não tenho como saber.

Ela fez uma careta.

— Não foi para isso que o conheceste?

— Ao início.

— E?

— O Vincent apareceu.

— Oh, que se *lixe* o Vincent. Como é que ele… eu nem quero saber. Ficou para a próxima, então?

Visto que nunca repetes, disse ele, e o meu corpo aqueceu com a melancolia do seu tom.

— Não sei — sussurrei com sinceridade, sentindo alguma dessa melancolia enquanto eu e a Tisha nos sentávamos num sofá ao fundo da sala. — Acho que…

— Nunca temos um momento de tédio — disse uma voz musical e o sofá afundou-se, do meu lado esquerdo. O Jay era o nosso técnico de laboratório preferido. Ou, mais exatamente, o preferido da Tisha, de quem ela rapidamente se tornou amiga. Em virtude de estar sempre ao pé dela, eu fui incluída nessa relação. É a história da minha vida social. — Juro por tudo — afirmou ele —, se nos despedirem a todos, e o meu visto não for aceite, e tiver de voltar para Portugal e a Sana acabar comigo…

— Adoro o otimismo, querido. — Do outro lado, a Tisha inclinou-se para a frente com um sorriso. — A propósito, investigámos toda esta confusão. Somos capazes de te dizer o que é uma cessão de empréstimo.

A sobrancelha do Jay arqueou-se e os *piercings* que a atravessavam cintilaram.

— Ainda não sabias?

A Tisha encolheu-se, desaparecendo atrás de mim.

— Pronto, pronto. — Dei-lhe uma palmadinha reconfortante na perna. — Pelo menos, nunca fingimos ser outra coisa que não o que somos.

— Imbecis?

— Aparentemente.

Uma cascata de caracóis ruivos apareceu no meio da multidão e o nó de pânico que sentia no peito desfez-se de imediato. *A Florence*. A Florence brilhante e cheia de recursos. Ela *era* a Kline. Tinha lutado com unhas e dentes pela empresa e não ia permitir que ninguém lha tirasse. Com certeza, não alguém que…

— Quem são aqueles quatro? — sussurrou a Tisha, no silêncio súbito da sala. O seu olhar tinha-se desviado da Florence para as pessoas ao seu lado.

— Devem pertencer à Harkness — tentou adivinhar o Jay.

Estava à espera de cabelo penteado para trás, fatos e aquele aspeto superior de quem trabalha com investimentos. No entanto, as pessoas da Harkness pareciam pertencer à Kline numa linha temporal

diferente. Talvez o facto de se vestirem de forma mais discreta fosse apenas uma jogada de poder da parte deles, mas pareciam… normais. Acessíveis. A mulher de cabelo comprido estava à vontade com as suas calças de ganga e parecia satisfeita com o ocorrido, tal como o homem de ombros largos demasiado perto dela. A figura alta e com a barba bem aparada observava a sala um pouco arrogantemente, mas quem era *eu* para julgar? Já me tinham dito várias vezes que não sou propriamente calorosa. E o quarto homem, o que se juntou ao grupo por último, com um andar tranquilo e um sorriso confiante, parecia…

Senti-me ficar quente.

— Já os odeio — murmurou o Jay, fazendo a Tisha soltar uma gargalhada.

— Tu odeias *toda a gente*.

— Não, não odeio.

— Odeias, sim. Não é verdade, Rue?

Acenei com a cabeça distraidamente, com os olhos presos no quarto homem da Harkness, como um pássaro apanhado num derrame de óleo. A minha cabeça começou a girar e a sala ficou sem ar, porque, ao contrário dos outros, o seu rosto era-me familiar.

Ao contrário dos outros, eu sabia exatamente quem ele era.

2

EXTREMAMENTE DISPOSTO A DEIXÁ-LA CONTINUAR

ELI
A NOITE ANTERIOR

Ela era ainda mais bonita do que na fotografia.

E, nessa mesma fotografia, também estava deslumbrante, em frente a um sinal dolorosamente familiar da UT Austin. Não era uma *selfie*, era uma foto normal, cortada para excluir o seu companheiro. Tudo o que restou foi um braço esguio, de pele escura, pendurado preguiçosamente à volta de um ombro. E, claro, *ela*. A sorrir, mas somente de forma subtil. Como se estivesse ali, mas remotamente.

É linda.

Não que importasse muito. Eli já tinha estado com pessoas suficientes para saber que a aparência tem pouco impacto na qualidade sexual, e sem compromissos, que alguém procura. Ainda assim, quando chegou ao átrio do hotel e a viu no bar, sentada num banco alto, ele parou. Hesitou, embora a reunião com Hark e os outros, bem como ter ido a casa ver como estava *Tiny*, o tenha atrasado uns minutos.

Ela estava a beber *Sanpellegrino*, um alívio, uma vez que, tendo em conta os seus planos para a noite, qualquer outra coisa o teria feito hesitar. As calças de ganga e a camisola eram simples, e a postura encantadora. Descontraída, porém majestosa. A coluna vertebral não se curvava, mas não estava empertigada. Ela não parecia nervosa e tinha o ar descomplicado de alguém que faz isto com frequência suficiente para saber exatamente o que esperar.

Eli lembrou-se das suas perguntas pertinentes e das respostas diretas. Ela tinha-lhe enviado uma mensagem no dia anterior e, quando ele perguntou: Onde é que te queres encontrar?, a resposta dela foi:

No meu apartamento é que não.

Na minha casa também não. Posso reservar um hotel e pagar as despesas.

Não me importo de dividir.

Não é necessário.

Assim sendo, eu concordo. Para que saibas, vou partilhar a minha localização com uma amiga que tem os dados desta conta na aplicação.

Por favor, partilha. Queres o meu número de telemóvel?

Podemos continuar a trocar mensagens por aqui.

Parece-me bem. O que a fizesse sentir mais segura. As aplicações para encontros podem ser perigosas. Por outro lado, a aplicação que estavam a usar não era para encontros, de forma alguma.

Eli olhou para a mulher uma última vez e sentiu algo, uma expetativa semelhante à que costumava ser capaz de sentir, surgir dentro dele. *Ótimo*, pensou. *Isto vai ser bom*. Começou a andar outra vez, mas parou a alguns metros de distância.

Quando outro homem se aproximou.

Algum pobre coitado a meter-se com ela, pensou Eli primeiro, mas rapidamente se tornou aparente que ela já o conhecia. Ela arregalou os olhos e, depois, semicerrou-os. A espinha dela tornou-se tensa. Recuou, à procura de alguma distância.

Um ex-namorado ou assim, pensou Eli enquanto o homem falava com diligência. Começaram uma conversa abafada e, apesar da música

ambiente estar muito alta para Eli captar as palavras, a tensão nas omoplatas dela não era um bom sinal. Ela abanou a cabeça, depois, passou uma mão pelos caracóis escuros e brilhantes e, quando os afastou para o lado, ele reparou na sua nuca: rígida. Cada vez mais rígida, à medida que o homem começou a falar mais depressa. Aproximando-se mais. Gesticulando com mais vigor.

De seguida, fechou a mão à volta do braço dela e Eli interveio.

Aproximou-se do bar em segundos, mas a mulher já estava a tentar libertar-se. Parou atrás do banco dela e ordenou:

— Larga-a.

O homem olhou para cima, com os olhos vidrados. Bêbedo, talvez.

— Não é da tua conta, mano.

Eli aproximou-se, com o braço a roçar as costas da mulher.

— Larga-a. Agora.

O homem olhou, *verdadeiramente*, para ele. Teve um instante de senso comum, no qual entendeu, e com razão, que não tinha hipótese contra Eli. Relutantemente e devagar, soltou a mulher e levantou os braços num gesto de paz, derrubando o copo dela.

— Há aqui um mal-entendido…

— Há? — Olhou para a mulher, que estava a salvar o telemóvel de uma poça de *Sanpellegrino*. O seu silêncio foi resposta suficiente. — Não. Sai daqui — ordenou ele, ao mesmo tempo afável e ameaçador. A vida profissional inteira de Eli dependia da sua capacidade de encontrar algo que motivasse as pessoas a fazer um trabalho bem-sucedido e, na sua opinião de especialista, este merdoso precisava de sentir algum receio.

Funcionou: o merdoso olhou para o chão, cerrou o maxilar e olhou à volta como se procurasse testemunhas que se juntassem a ele para denunciar a justiça iníqua a que estava a ser sujeito. Quando ninguém deu um passo em frente, dirigiu-se com raiva para a entrada do hotel e Eli virou-se para a mulher.

Sentiu faíscas a atravessarem-lhe o corpo. Os olhos dela eram grandes e aguados, de um azul-escuro que ele não tinha a certeza se alguma vez havia encontrado. Eli olhou fixamente para eles e, por um instante, esqueceu-se da sua pergunta.

Ah. Pois é. Era algo muito complexo, algo do género:

— Estás bem?

Em vez de responder, ela perguntou:

— Costumas envolver-te em confusões para compensar os teus problemas? — A voz dela era mansa, mas o olhar brilhava. Eli notou que o seu lábio superior era ligeiramente mais cheio do que o inferior. Ambos de um rosa-escuro. — Porque talvez pudesses apenas comprar um tanque de infantaria.

Ele ergueu a sobrancelha.

— E tu talvez pudesses escolher melhor os homens com quem passas o teu tempo.

— Isso é certo, já que vim aqui para passar tempo *contigo*.

Ah. Ela tinha-o reconhecido, então. E não lhe tinha agradado.

Eli não a culpava por achá-lo um idiota impetuoso e impulsivo, mas a última coisa que queria fazer era deixá-la desconfortável. Ela, obviamente, não o queria por perto e *isso* fê-lo sentir algum desapontamento. A deceção aumentou quando olhou para os lábios dela uma última vez, mas encolheu os ombros.

É lamentável, mas não é assim *tão* mau. Acenou-lhe uma última vez com a cabeça, virou-se e…

Uma mão fechou-se à volta do seu pulso.

Ele olhou para ela por cima do ombro.

— Desculpa. — Ela fechou os olhos. Em seguida, respirou fundo e entregou-lhe o sorriso mais vago que ele alguma vez tinha visto, levando a que um interesse novo e quente vibrasse através dele.

Eli não era um esteta. Não fazia ideia se esta mulher era objetivamente, *cientificamente* bonita, ou se a junção dos seus traços simplesmente funcionava de uma forma que parecia perfeita para ele. De qualquer forma, o resultado era o mesmo.

Uma grande excitação.

— És o Eli, não és? — perguntou ela.

Ele acenou com a cabeça. Virou-se por completo para ela.

— Peço desculpa. Ainda estava na defensiva. Normalmente, sou muito menos defensiva em relação a… — Ela fez um gesto vago. As suas unhas estavam pintadas de vermelho. As mãos eram graciosas, mas trémulas. — Ser ajudada. Obrigada pelo que fizeste. — A mão

dela desceu do pulso dele, para pousar no colo dela, e ele seguiu cada centímetro daquela viagem, hipnotizado.

— Não mencionaste o teu nome — referiu ele, em vez de um *não tens de quê*. Na aplicação, ela tinha usado apenas uma inicial: *R*.

— Pois não. — Ela não quis entrar em pormenores e o seu tom intransigente era uma emoção por si só.

Rachel? Rose. Ruby virou-se para observar a entrada, onde o homem anterior continuava à espreita, lançando-lhes olhares ressentidos. Quando a garganta dela estremeceu, Eli sugeriu descontraidamente:

— Posso ir lá assustá-lo. — Os seus dias de disputas haviam acabado desde o terceiro ciclo, quando a sua vida se resumira a treinos de hóquei, detenções e muita raiva. Ainda assim, ele sabia como havia de lidar com idiotas.

— Está tudo bem. — Ela abanou a cabeça.

— Ou chamar a polícia.

Mais um abanão. Depois, após um momento de relutância, acrescentou:

— Contudo, talvez pudesses…

— Eu fico contigo — disse, e a postura dela suavizou-se em alívio. Tendo em conta a forma como o idiota estava a agir, Eli tinha planeado ficar de olho nela de qualquer maneira, o que provavelmente era extremamente assustador, mas aqui estava ele. A responsabilizar-se pelo bem-estar daquela rapariga desconhecida, cujo nome nem sabia. Ele encostou-se ao balcão, com os braços cruzados ao peito. Um grupo grande aproximou-se do bar e sentou-se ao lado deles, forçando-o a aproximar-se mais dela.

R.

Rebecca.

Rowan.

— Eu sei que devíamos… — Ela fez outro gesto vago para cima e passaram-lhe pela cabeça um milhão de pensamentos, com o movimento do seu dedo indicador.

O tom pragmático da sua primeira mensagem para ele: Ainda estás em Austin? Queres encontrar-te comigo?

A frase *somente saídas sem compromissos, sem relações ou encontros repetidos* na biografia dela.

A resposta dela à pergunta *fetiches?* no inquérito público.

A lista do que ela *não* estava disposta a fazer. E do que *estava*.

Neste momento, duvidava que acontecesse alguma coisa entre eles esta noite, mas ia continuar a pensar no assunto. Muito.

— Já não quero — continuou ela, com a voz firme. Ele gostou do facto de ela não ter dito *não posso*, mas sim *quero*. A falta de lamentação no tom dela. A sua expressão séria e tranquila.

— Ou seja, não queres ir lá para cima e foder com um homem que não conheces minutos depois de um homem que *conheces* te ter agredido? — Ele lançou-lhe um olhar falsamente surpreendido e ela acenou com a cabeça pensativamente.

— É uma boa recapitulação. Creio ser demasiado tarde para pedires o reembolso do quarto de hotel, por isso, se quiseres planear com outra pessoa esta noite, estás à vontade.

Sentiu o canto da boca a tremer.

— Hei de sobreviver — assegurou ele, com um resmungo.

— Como quiseres — disse-lhe, indiferente. Era evidente que ela não se importava se ele agarrasse no telemóvel e fizesse sexo com metade da cidade ou se, em vez disso, jurasse a sua lealdade eterna a ela, e Eli conteve um sorriso. A cabeça dela inclinou-se. — Costumas fazer isto muitas vezes? — perguntou ela.

— Fazer o quê? Foder?

— Salvar damas em apuros.

— Não.

— Porque não encontras muitas, ou porque as deixas em apuros? — A voz dela era suave e, ditas por qualquer outra pessoa, as palavras podiam ter soado como um engate. Contudo, não ditas por ela. — De qualquer forma, sinto-me lisonjeada — acrescentou.

— Devias sentir-te. — Olhou para o homem que continuava lá fora, com o olhar fixo. — Vives sozinha?

Ela ergueu as sobrancelhas e ele reparou numa cicatriz ligeira a rachar a da direita. Bateu com o dedo indicador uma vez contra o balcão, desejoso de a traçar.

— Estás a tentar descobrir se estou solteira?

— Estou a tentar perceber quais são as hipóteses daquele idiota estar à tua espera à porta de casa, quem te pode ajudar se assim for, ou se o teu animal de estimação te pode proteger.

— Ah. — Ela não parecia perturbada por o ter percebido mal. Fascinante. — Vivo sozinha. E ele não deve saber onde.

— Não deve?

— Não sei bem como conseguiu seguir-me até aqui. Pode ter descoberto onde eu moro, não ter sido autorizado a entrar pelo meu porteiro e ter seguido o meu Uber. — Até há um minuto, ela tinha estado abalada, mas, agora, soava imensamente utilitária. *Tal como nas suas mensagens*, pensou Eli. Ela tinha-lhe enviado mensagens sem *emojis*. Sem LOL ou LMAO. Pontuação e letras maiúsculas corretamente situadas. Ele achou que fosse uma peculiaridade situacional, contudo, o comportamento dela parecia ser a personificação da sua escrita.

Sério. Um pouco impenetrável. Complicado.

E Eli nunca tinha sido grande fã de simplicidades.

— Como é que vais para casa? — perguntou ele.

— Uber. Ou Lyft. O que for mais rápido. — Ela pegou no telemóvel, mas quando lhe tocou, este recusou-se a acender. Eli lembrou-se da água derramada. — Bem, esta é nova. — Suspirou. — Vou chamar um táxi.

Nem pensar, quase disse ele, mas deteve-se com a boca entreaberta. Esta mulher não era sua amiga, irmã ou colega. Era alguém com quem ele planeava ter uma relação sexual que iria durar parte da noite e, depois, nunca mais a ver. Ele não tinha o direito de lhe dizer o que podia ou não fazer.

No entanto, podia *tentar* convencê-la.

— Ele continua a rondar — anunciou Eli, apontando para o homem com o queixo. Ele andava de um lado para o outro da porta giratória, a pele a brilhar de suor. — À espera que tu saias do bar.

— Pois é. — Ela passou a mão pelo pescoço longo. Eli observou-o por mais tempo do que o devido. — Podes acompanhar-me à saída?

— Sim. Mas e se ele *sabe* onde vives e espera por ti lá? E se te seguir? — Observou-a a ponderar na situação. — Tens algum vizinho em quem confies? Um amigo? Um irmão?

Ela riu, silenciosamente, de uma forma melancólica que Eli não conseguiu desvendar.

— Nem por isso.

— Está bem. — Ele acenou com a cabeça, sentindo o oposto a aborrecimento ao pensar no que teria de acontecer. — Eu levo-te a casa, então.

O olhar dela foi longo e constante. Eli quis saber o porquê dos olhos grandes e pálidos dela o atingirem em cheio no estômago.

— Estás a sugerir que entre no carro de um homem que não conheço para evitar ser assediada por um homem que conheço?

Ele encolheu os ombros.

— Basicamente.

Ela mordeu o lábio inferior. De repente, Eli sentiu-se fisicamente bastante consciente da presença de outro ser humano, como há muito, *muito* tempo não sentia.

— Obrigada, mas vou ter de recusar. Pressinto um potencial demasiado grande para que ocorra uma ironia situacional, até para mim.

— Acho que a situação não se qualifica como ironia situacional.

— Qualificar-se-ia, se tu fosses um assassino.

Sorrir não o ia ajudar, mas não conseguiu conter-se.

— Estavas disposta a subir para um quarto de hotel, reservado em meu nome, e passar horas sozinha comigo.

— Horas?

Tendo em conta a forma como se sentia, até mais do que isso.

— Horas — repetiu ele. Ela manteve o olhar no dele, a cada letra. — Parece-me ser tarde demais para te preocupares se te vou ou não matar.

— Uma amiga saberia onde eu estava e como me encontrar — contrapõe. — Um segundo local é uma situação completamente diferente.

— É? — Ele não tinha nada de ficar tão satisfeito com a autopreservação dela.

— O Vincent é um parvalhão. Contudo, tanto quanto sei, tu és o Unabomber.

Vincent. Ela sabia o nome do idiota… e Eli continuava sem saber o *dela*. Irritante.

— O Unabomber está morto.

— Algo que o Unabomber diria para me desarmar — disse ela, sem saber o que dizer mais. Ele não conseguia perceber se ela estava a namoriscar, a gozar com ele ou a falar muito a sério.

Foi emocionante.

— Ele fazia bombas e resolvia teoremas matemáticos. Não raptava mulheres jovens.

— Sabes muito sobre o Unabomber para alguém que supostamente não é ele.

Eli olhou para o teto para esconder o seu divertimento, expirando lentamente. Depois, endireitou-se. Tirou a carteira do bolso de trás das calças de ganga e, a seguir, a carta de condução. Deixou-a cair no balcão, mesmo ao lado da mão dela.

— Que é isto?

Ele encostou-se ao balcão sem responder e ela levantou-a com agilidade. Os olhos dela deslocavam-se entre ele e a imagem no cartão, como se estivesse a resolver um *puzzle* de Encontre as Diferenças.

— Eli Killgore — leu ela. — Não é um nome tranquilizador, Eli.

Ele franziu o sobrolho.

— É escocês.

— Parece o nome de alguém que apara os pelos púbicos das raparigas e os cose em bonecas. Pareces ter menos de trinta e quatro anos. E és mesmo assim *tão alto*? — Ele suspirou arduamente e ela devolveu-lhe a carta, com uma expressão séria. — Portanto, já estabelecemos que o teu apelido está intimamente relacionado com um termo sanguinário. Mas continuo sem saber se não é uma identidade falsa que criaste para atrair mulheres para o teu covil decorado com traças.

— Aposto que te achas muito engraçada.

— Na verdade, eu *sei* que não sou. Nasci sem sentido de humor.

Ele bufou, divertido. Ela estava a brincar com ele, tinha de estar. E Eli, ao que parecia, estava extremamente disposto a deixá-la continuar, ao empurrar a sua carteira para ela.

— Diverte-te à vontade.

Observou ansiosamente enquanto os dedos finos dela a abriam, perguntando-se por que razão os movimentos elegantes dela pareciam estar a desbloquear algum tipo de fetiche há muito escondido no

cérebro dele. Ela levou-a ao nariz para cheirar o couro (um movimento estranho e inexplicavelmente apelativo), tirou um cartão de crédito ao acaso e depois outro.

— Eli, o *Assassino* — declarou ela.

— Esse não é o meu nome.

— Tens um cartão da biblioteca. — Pareceu confusa e ele fez um barulho com a língua.

— Cá estou eu, a tentar ajudar-te numa situação complicada e tu retribuis-me o favor ao surpreenderes-te por eu saber ler.

Ela sorriu, foi pequeno e misterioso, e não devia ter elevado uma emoção pela espinha dele.

— Pensei que fosses antes titular do cartão de algum ginásio.

— Essa suposição não é nada condescendente. — Ele tentou não sorrir, porém não conseguiu. Mas tudo bem, porque ela continuou a vasculhar metodicamente a vida dele através da carteira, parando para examinar as informações mais interessantes, até chegando a cantarolar audivelmente. Eli sentiu como se fosse algo físico, um toque através do ar e da carne. Como se os dedos finos dela estivessem a descascá-lo, lenta e inexoravelmente.

— Bem, tens um seguro de saúde que, esperemos, cobre a quantidade necessária de terapia para prevenção de homicídios — disse ela, desapaixonadamente, antes de dobrar a carteira e entregar-lha com um aceno solene. Ela lançou um último olhar para as portas, onde Vincent estava, nervosamente, a fumar um cigarro. Ainda à coca.

— É uma carteira confiante. Apesar do facto de o teu apelido ser literalmente Carniceiro.

— Não é literalmente. Nem sequer é figurativamente.

— Independentemente disso. — Os seus lábios curvaram-se no que aparentou ser a sombra de um sorriso. Eli sentiu-o na sua medula, a enrolar-lhe os testículos. — Sr. Killgore, tem a minha permissão para me levar a casa.